

CONCLUSÃO

Fátima Velez de Castro

Departamento Geografia e Turismo, CEGOT e RISCOS,
Universidade de Coimbra (Portugal)
ORCID: 0000-0003-3927-0748 velezcastro@fl.uc.pt

Revisitando aqueles que foram os resultados dos trabalhos de investigação apresentados na obra “Pluralidade na diversidade dos riscos”, pode-se concluir que os investigadores e os profissionais ligados à área dos riscos, estão cada vez mais conscientes para a crescente complexidade dos territórios, tanto do ponto de vista físico, como do ponto de vista humano. Já Luciano Lourenço (2015), na senda da discussão sobre a dimensão do pragmatismo e do risco¹, referia:

“Por isso, se, como parece, o objetivo de muitos estudos for a mitigação do risco, então teremos de ser pragmáticos e considerar não só a fase da pré-catástrofe (...) que naturalmente deverá ser de preparação, prevenção e previsão, mas também deverá ser tido em linha de conta o “durante”, correspondente à fase de socorro (...) [e] a fase de pós-catástrofe, durante a qual será necessário reconstruir a área afetada” (Lourenço, 2015, p. 5).

No fundo, a multiplicidade de situações quotidianas, leva a que devam reequacionar procedimentos, assim como reestruturar cenários de atuação. Um dos campos a repensar será o da dimensão formativa, com a atualização dos conteúdos e da prática letiva, assim como da cooperação entre entidades ligadas aos riscos e à proteção civil, no sentido de congregar esforços e criar sinergias, que permitam respostas mais rápidas e eficazes.

Além disso, é fundamental estar alerta e alertar para as alterações ambientais. Nesta obra, chama-se a atenção para o fato de, por exemplo, as alterações dos níveis de pluviosidade em determinadas regiões, poderem contribuir para significativas

¹ Lourenço, L. (2015). Risco, perigo e crise: pragmatismo e contextualização. In Siqueira, A., Valêncio, N., Siena, M. e Malagoli, M.A., *Riscos de desastres relacionados à água*. São Paulo: RiMa Editora.

alterações dos sistemas económicos e produtivos, criando fragilidades sociais tendencialmente estruturais. Por outro lado, é necessário alertar os governos locais para situações de perigosidade ligadas a fenómenos excepcionais de diferente escala de afetação, quer no que diz respeito aos de rápida atuação (exemplo de precipitação intensa), como os de lenta progressão (por exemplo, o caso dos períodos de seca). Neste contexto, também é necessário alertar para a dimensão do ordenamento do território, e da forma como a construção habitacional e funcional pode gerar situações de perigo iminente em situação de risco natural.

Chamar a atenção para estas e outras situações, parece ser uma preocupação constante em todos os estudos apresentados nesta obra e, em geral, para toda a comunidade académica. Comunicar ciência, transpor o fosso que muitas vezes existe entre os cientistas e a comunidade civil, transferir o conhecimento, nem sempre é uma tarefa fácil e óbvia. Mas é necessária e cada vez mais urgente, para que os estudos científicos possam ser de/sobre/para a sociedade.

Nesta lógica, sugere-se uma possibilidade de comunicação através da música, seja como mecanismo de catarse para os afetados (por exemplo, por stress pós-traumático), seja por canal de divulgação de práticas e de comportamentos a adotar (por exemplo, em campanhas de prevenção). Além disso, o contexto escolar educativo, também virá reforçar esta perspetiva através da psicoeducação, educando e difundindo conhecimento para a população escolar e para a sociedade em geral.

Mas haverá mais para fazer no campo dos riscos. Esperamos, pois, que os estudos cindínicos possam vir a ganhar um destaque cada vez mais evidente no quotidiano, continuando sempre na senda da prevenção, mitigação e promoção da segurança e do bem-estar das populações, sobretudo dos mais vulneráveis.